
Esperança na fragilidade: Reflexões sobre a liderança marista

“Não há tarefa mais difícil para um líder do que conduzir um grupo de maneira eficaz e coesa através de mudanças significativas e aliviar as restrições arraigadas, mantendo todos no essencial”

(Ir. Michael Green - Vozes Maristas, capítulo 19)

Juan Sebastián Herrera Salazar, fms

Província Norandina - Equador

Pastoral educativa e juvenil



Nasci em Manizales (Colômbia) em 1988 e terminei o ensino médio no Colégio de Cristo, a instituição marista da minha cidade. Sou filho de Onel e Liliana e irmão mais velho de Valentina. Fiz meus primeiros votos em Medellín, em 2013, e meus votos perpétuos em Pasto, em 2022. Pertencço à Província marista de Norandina.

Atualmente, sou membro da comunidade de Quevedo (Equador), onde sou professor de Educação Religiosa, nos últimos anos do ensino médio, na Unidade Educativa América, um colégio marista da cidade. Faço parte do projeto “Casas Família” que acolhe crianças em situação de vulnerabilidade e lhes oferece um lar, estudo, alimentação e acompanhamento; além disso, faço parte da equipe vocacional do Equador.

O Ir. Michael Green, no capítulo 19 do livro *Vozes Maristas*, intitulado “O estilo marista de liderança profética e servidora: alguns exemplos em nossa tradição”, explica, de maneira muito pessoal, como vários dos Superiores gerais de nosso Instituto tiveram que liderar a Congregação em situações de fragilidade social, eclesial, cultural, bélica e institucional. É emblemático imaginar o Irmão Théophane, octogenário, a conduzir a procissão solene do Capítulo Geral de 1903, em Saint-Genis-Laval, quando estavam prestes a deixar a França para se exilarem em Itália, depois de terem sido expulsos da sua pátria.

Ao ler e imaginar as situações descritas pelo Ir. Green, dei-me conta de que, na realidade, todo líder, em geral, enfrenta muitas vezes fragilidades no desempenho de sua função. Assim, o Ir. Basílio Rueda nos deu um exemplo de esperança e de enorme força quando, apesar da dimi-



nuição do número de irmãos no Instituto, dirigiu a congregação durante quase 20 anos com o reconhecimento, o acompanhamento, a presença e a profecia de um homem que escutava a voz de Deus em seu coração.

Como maristas, nos encontramos hoje, de certa forma, na contemplação da fragilidade no exercício da liderança, pois temos que tomar decisões com a conseqüente incerteza que isso traz. Por exemplo, podem surgir dúvidas sobre as capacidades pessoais e institucionais para levar a cabo uma tarefa. Como a liderança é muitas vezes exercida com autoridade sobre pessoas, é possível que as decisões que tomamos possam prejudicar os outros, gerar insegurança, dor ou incerteza; por outras palavras, podem fazer que as pessoas se sintam frágeis.

Todos nós somos frágeis: Jesus sentiu-se frágil quando pediu ao Pai que lhe poupasse o amargo remédio da morte (Lc 22,42). Maria sentiu-se frágil aos pés da cruz de Jesus, quando viu seu filho prestes a morrer (Jo 19,25). Marcelino sentiu-se frágil quando voltou para casa com o fracasso de não ter obtido a aprovação legal do Instituto. Diógenes, como nos conta o capítulo 19 de Vozes Maristas, sentiu-se frágil quando teve que conviver com a ocupação alemã durante a guerra em sua França natal.

Por isso, é muito importante que todos nós encontremos dentro de nós a dose de fragilidade que não podemos evitar e que está incluída em nossas vidas, na vida dos outros, na humanidade e no planeta. A morte, a dor física perante uma doença ou um acidente e o luto pela perda de um ser humano fazem-nos sentir frágeis; também quando não nos sentimos reconhecidos, amados ou estimulados, ou quando os esforços para alcançar algo não têm o resultado esperado.

A humanidade desenvolveu, conseqüentemente, múltiplas formas para se proteger destas fragilidades. Muitas delas ajudam-nos, fazendo-nos sentir muito fortes. No entanto, nenhuma delas foi capaz de eliminar completamente as nossas fragilidades; essa é uma tarefa irrealista. Por isso, tanto para a liderança como para a vida, creio que é muito importante simplesmente aprender a reconhecê-las e integrá-las como uma realidade permanente na nossa existência.

É por isso que um servidor marista e uma liderança profética devem ter grandes doses de humildade, realismo, empatia e assertividade. Tudo isso o ajuda a aceitar e proteger o outro, com suas fragilidades, gerando esperança em sua missão e vida.

A empatia, que pode ser associada à capacidade de caminhar um pouco calçando os sapatos do outro, tem a qualidade de validar os sentimentos do outro. Trata-se de uma capacidade de compaixão que, longe de atitudes piedosas, é capaz de conviver com os sentimentos do outro e, a partir desse lugar, por vezes doloroso e até vergonhoso, fornece ferramentas e acompanhamento - empowerment - para ultrapassar o problema. Quando uma aluna da minha turma me pediu para falar comigo sobre a rutura amorosa que tinha tido, escutei-a com atenção e validei os seus sentimentos de impotência, de espanto e até de culpa, para lhe poder depois oferecer algumas pistas que lhe permitissem avançar para a solução do problema, bem como a certeza da confidencialidade e do respeito pelo seu coração. Algum tempo depois, ela partilhou comigo que o mais importante daquela conversa para ela foi o facto de nunca se ter sentido julgada, mas sim acolhida e encorajada.

Ser assertivo é a capacidade que nós, seres humanos, temos de nos exprimir em situações de tensão sem julgar a outra pessoa - ou grupo - mas partilhando as nossas próprias emoções e





sentimentos que a situação produz. Por exemplo, um professor tem a oportunidade de ser assertivo quando é capaz de fazer que o seu aluno compreenda que tirar coisas que não lhe pertencem é uma prática desonesta, sem ter de o rotular de ladrão; um Irmão Diretor é assertivo quando chama a atenção, em privado, do irmão professor que se desentendeu com um pai, indicando-lhe a dificuldade que ele causou e lhe oferece opções para melhorar a situação.

A empatia e a assertividade não são certamente uma novidade; podem ser atitudes quotidianas, mas podem também estar completamente ausentes nas pessoas que exercem autoridade sobre os outros nas nossas escolas, centros sociais, universidades ou províncias. Essa falta conduz, muitas vezes, ambientes tensos, falsos, altamente tóxicos e extremamente estéreis para a vida e a missão maristas. Com empatia e assertividade, podemos alimentar e gerar vida marista em nossas comunidades, fraternidades, escolas, instituições e unidades administrativas, para sermos semeadores de esperança neste mundo conturbado.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it